



PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ-VOS!

CORRESPONDENCIA PARA 'A Luta de Classe'

A Luta de Classe

Qualquer correspondência para «A Luta de Classe» (cartas, colaboração, etc.) pode ser enviada para o seguinte endereço:

MARCELO V. ARNA - Calle Santiago de Chile, 1072 - Montevideo (Uruguay).

A Administração

Orgão da Liga Comunista Internacionalista -- S. B. da L. C. I. (Bolcheviques-Leninistas)

Ano IV - NUM. 21

Rio de Janeiro, Agosto de 1934

Preço: 200 réis

AO PROLETARIADO

A tática eleitoral dos bolcheviques-leninistas

A hora política atual é a da feitoralista mais vergonhosa. Os partidos burgueses se arremantam; os jornais, o rádio, o cinema, tudo é comprado e mobilizado pela burguesia para fazer propaganda dos candidatos burgueses às próximas eleições e mistificar as massas trabalhadoras.

O proletariado conciente precisa tomar posição, reunir suas forças para impedir a penetração da demagogia e da tapiação parlamentares burguesas nos meios operários.

Infelizmente, ainda nos encontramos numa fase muito incipiente da organização política do proletariado. A divisão do proletariado se verifica em todos os terrenos, até mesmo no sindical. Várias organizações políticas, embrionárias, na sua maioria, pretendem ao direito e a honra de representarem a classe operária em seu conjunto. Mas é preciso que se diga abertamente: esse direito e essa honra não cabem ainda a nenhum dos partidos e organizações socialistas ou comunistas existentes.

O Partido Socialista do Brasil é ainda, no seu núcleo inicial e dirigente, um partido de pequenos burgueses. Sua base, em geral proletária, não pesa ainda de modo decisivo sobre sua direção. O partido está longe também do ser um partido de massa. Seu apêgo à luta puramente parlamentar e legal; sua incompetência e inaptidão à agitação de massa direta; a heterogeneidade de classe de seus elementos dirigentes; o passado e as posições políticas equivocadas de muitos deles; suas tergiversações e indecisões; sua fraqueza e inconsistência ideológica ainda muito visíveis; a atividade desigual de sua bancada na Constituinte, caracterizando-se ora pela inércia, ora pela independência de atitude em relação à própria disciplina partidária, deixando de apoiar a tribuna parlamentar a ação de seu partido fóra do parlamento (a luta da Frente Única Anti-fascista, a campanha de 1.º de Maio, etc.), passaram sem terem sido agitadas na Câmara pelo deputado socialista; finalmente, o voto de Zoroastro de Gouveia a um dos candidatos burgueses à presidência da república etc., atestam o caráter ainda pequeno-burguês de sua ideologia e de sua linha política. Sua evolução para a esquerda se bem que tenha sido inegável, ainda não foi bastante para transformá-lo num verdadeiro partido representativo das largas camadas proletárias. Sua atuação na atual campanha eleitoral e na do futuro parlamento será uma das etapas mais decisivas na cristalização de sua verdadeira fisiognomia. Partido reformista pelo seu programa, não carrega, entretanto, com o peso dos crimes nefandos do reformismo socialista da 2.ª Internacional! Devido à sua recente formação e a circunstância atenuante de que o propósito existente, no seu seio, de filiá-lo imediatamente àquela Internacional não foi levado por diante.

Hoje, depois das cruéis e decisivas experiências de post-guerra, o reformismo vê cada dia o terreno fugir-lhe de sob os pés. A crise crônica em que se debate agonicamente o regime capitalista não deixa mais lugar para o reformismo. Na etapa final de decadência capitalista, que estamos vivendo, a burguesia imperialista não se pode mais dar ao luxo de manter e alimentar partidos de massa com o objetivo de obter reformas para contentar

a classe operária e acalmá-la quando ela começa a manifestar o seu descontentamento e sua revolta, acossada pela miséria, pela fome e pela infinita exploração capitalista. A hora das reformas já passou no quadrante da história; o capitalismo em putrefação já não tem sobras para jogar as largas massas esfaumadas. Pelo contrário, os imperialistas se vêm mesmo forçados a arrancar as últimas migalhas que, através de uma luta de dezanas de anos, foram obrigados a ceder às camadas mais organizadas da classe, por meio do socialismo reformista. Em vez dos partidos reformistas, eles querem, armam e pagam, hoje, o partido aberto da contra-revolução e da reação, o fascismo. Sem poder ao menos defender as antigas migalhas conquistadas, os bonzos amarelos vão se demoralizando em escala internacional. Os seus partidos, sob a pressão das massas operárias, são os conetivados da esquerda. Os membros dos partidos reformistas, ante encarregado de voltar de repente a se empoeiradas, pelo abandono, as velhas fórmulas marxistas e "revolucionárias" da mocidade. É o que se vê agora na maioria dos grandes partidos socialistas europeus que ainda restam de pé, que ainda não foram destruídos pelo fascismo: o partido socialista francês, o espanhol, o belga, o norueguês, e até o Labour Party, inglês. O centrismo é a corrente ideológica que impera hoje por toda parte.

No Brasil, a evolução do processo político chega sempre com um atraso de muitos anos, às vezes até de uma geração. O Partido Socialista chega à arena política num momento em que, por toda parte, o antagonismo histórico, decisivo, entre a burguesia e o proletariado, retoma sua forma direta e intrínseca da época pre-reformista, da fase clássica da social-democracia. Como o horário da história não espera pelos retardatários, o P. S. B. terá que fazer a caminhada dos velhos partidos reformistas num ritmo infinitamente mais acelerado afim de poder alcançar o quilômetro da atualidade política, onde se encontram as verdadeiras forças sociais antagonicas, em posição de combate, uma em frente da outra. O atraso histórico o obrigará, pois, a queimar todas as etapas, se quer desempenhar um papel ativo na evolução política geral. Do contrário, vegetará algum tempo, e depois será jogado às areias da praia sem ter alcançado o mar alto das grandes lutas sociais.

Ao lado do P. S., mas anterior a ele, há o Partido Comunista (stalinista) que poderia ambicionar, e ambiciona, o título de partido revolucionário do proletariado. Mas é essa uma pretensão descabida. O atual P. C. não passa de uma seta de iluminação, sem ligação profunda e real com as massas, sem perspectivas e sem uma linha política própria e definida. Depois que a I. C., abandonando o internacionalismo de Lenine, enveredou pelo desvio burocrático do socialismo num só país, sucessivas e contínuas têm sido as derrotas do proletariado mundial (a derrota alemã de 1923, o fracasso da greve geral inglesa e do Comitê Anglo-russo, em 1926, o esmagamento da revolução chinesa e o episódio monstruoso do Kuomintang, em 1925-1927, e finalmente a vergonhosa catástrofe aos pés de Hitler, em 1933). Desde então a I. C. vê se

transformando, pouco a pouco, pela fatalidade dessas derrotas, numa mera agência da burocracia soviética. A I. C. atualmente não tem mais nenhuma liberdade de ação, presa, que se vê, aos interesses imediatos, momentâneos, da diplomacia soviética. Subordinada, na sua atividade, às injunções, combinações e "alianças" da política exterior da U. R. S. S. com determinados imperialismos ou blocos imperialistas (acordos e concessões, aos Estados Unidos em troca do reconhecimento, ligações e compromissos cada vez mais estreitos com a França, negociações para a entrada na Liga das Nações, etc.), destruído o seu maior partido pelo fascismo, na Alemanha, a decadência de suas seções tornou-se um fato consumado, agravada aqui no Brasil pela ilegalidade do movimento e seu isolam das massas.

A astúcia da burocracia interna pela ditadura da burocracia matou a liberdade de ação da burocracia. Desacreditada e a humilde de se lavar a opinião mar- tuos e separam os membros. A agenda do P. C. B. veiu se acentuando, dia a dia, até chegar ao estado vegetativo atual, tão divorciado do marxismo, do verdadeiro pensamento leninista quanto os narodniki, os socialistas-revolucionários o eram da social-democracia russa de antes da guerra. Sua ideologia presente é um mixto de fórmulas leninistas aprendidas de cór, mas esvaziadas de seu conteúdo vivo, de preconceitos de sectarismo anarquista, e de uma idealização populista do campesinato no Brasil (idealização de Lampião, etc.).

Ele oscila do ultra-radicalismo verbal anarquista ao oportunismo menchevista mais vulgar: concita os operários a se levantarem constantemente contra tudo e contra todos, sem a menor preparação e sem atender às condições objetivas dominantes, e, ao mesmo tempo, exige, como se fosse isso uma revindicação digna de um partido revolucionário do proletariado, por exemplo, a demissão de um qual-quer Góes Monteiro do ministério da guerra; recusa a frente única, de organização para organização, cionistas, etc., e pretende basear com socialistas, comunistas-internacionais a luta anti-imperialista e anti-"feudal" (?) na pequena burguesia, "no camponês pobre, médio e rico" (!); proclama-se o partido da vanguarda do proletariado e traça como seu objetivo político — a revolução democrático-burguesa — que, segundo ele, ainda está por se fazer no Brasil!

Pela sua linha política em zig-zags, ele tem que ser, pois, caracterizado como um partido centrista, embora haja em suas fileiras militantes operários animados de verdadeiro espírito revolucionário, mas que estão muito mais próximos do revolucionarismo anarquista dos velhos tempos do que de um moderno revolucionário marxista, de um bolchevique, técnico profissional da revolução proletária!

No Rio, uma outra organização política independente, com programa mínimo mal formulado, acaba de surgir, — o Partido Socialista Proletário, que se destina a atuar nos quadros da legalidade burguesa. Ele é por seu programa, sua formação, seus elementos dirigentes e suas perspectivas um partido tipicamente centrista. O seu manifesto inicial reflete todas as tendências e correntes do movimento ope-

rário e se caracteriza menos pelo que afirma do que pelo deixa de afirmar, ou, pelo menos, de acentuar. É constituído pelo cruzamento de correntes do movimento operário vindas de pontos opostos. Nessas se entrecruzam uma corrente progressiva, exprimindo uma evolução a esquerda de certas camadas operárias até então indiferentes ou só agora despertadas para a política, e de outra corrente, regressiva, da esquerda para a direita, formada de elementos causados do aventurismo e sectarismo stalinista. Esses elementos só vêm este aspecto dos erros do P. C., passando por cima, ou concordando, porém, com o outro lado dos desvios deste, o lado do oportunismo, do menchevismo stalinista. O que eles aspiram é apenas construir um partido de massa, legal, bem organizado, com fortes raízes sindicais e parlamentares, mas sem complicações demandadas com a "Ordem Social". Há esta uma tendência stalinista muito semelhante ao movimento "liquidacionista" russo, de depois da derrota de 1905, que queria sacrificar todo o aparelho legal do partido social-democrata, em benefício de uma atividade de massa, exclusivamente dentro dos quadros da legalidade czarista. O P. S. B. é uma organização que ainda não pode ser julgada em seu conjunto: brevemente, porém, o desenvolvimento político irá colocá-lo na curva decisiva do seu destino. Só então sua verdadeira fisiognomia aparecerá com toda clareza, e ver-se-á qual das duas correntes nele predominará.

A única organização política independente, com um programa marxista consequente, com uma linha política bolchevista, somos nós, — seção brasileira da Liga dos Comunistas Internacionalistas, ou, tra Oposição Internacional de Esquerda. Não só no Brasil, como em todo o mundo, somos, hoje, a única organização realmente internacionalista, tanto em seu programa como em sua organização, existente no seio do movimento operário; a única que condensa, no seu programa, toda a experiência das formidáveis lutas do proletariado, a partir do nascimento da 3.ª Internacional até os dias presentes; a única que traça perspectivas claras e definidas para o desenvolvimento das próximas lutas das massas operárias em todo o mundo.

Entretanto, nas condições atuais, nenhuma dessas organizações pode pretender representar sozinha as vastas camadas do proletariado do Brasil. Nós, ainda não há um ano que nos constituímos em organização independente, que deixamos de nos considerar como fração de esquerda do Partido Comunista oficial, para colocarmos, como nosso objetivo principal, a criação de um novo partido revolucionário, de um partido bolchevique-leninista, seção brasileira da 4.ª Internacional. Representamos por enquanto, apenas, o eixo de cristalização ideológica em torno do qual terá de se formar o novo partido comunista. Somos ainda uma vanguarda da vanguarda, e apenas constituímos os quadros principais e mais experimentados para a formação, inadiável e urgente, desse instrumento histórico indispensável da revolução proletária no nosso setor de lutas.

Desse modo fracionado politicamente como se encontra o proletariado do Brasil, cada um desses partidos terá que entrar na luta eleitoral com enormes desvanta-

gens em face das formidáveis máquinas políticas que são os grandes partidos burgueses.

De qualquer forma, porém, nós bolcheviques-leninistas, prosseguiremos na nossa marcha para a frente, sem nos determos, sem olharmos para trás ou para os lados, erguendo bem alto a nossa bandeira, a bandeira da 4.ª Internacional!

Diante da correção de forças ainda desfavorável a nós, comunistas, diante da dispersão e oclacões características das tendências socialistas pequeno-burguesas, emprenos agir de modo a fazer com que esses elementos dêem um passo à esquerda, e sigam a corrente marxista consequente que é a nossa, a dos comunistas internacionalistas.

Nossa tarefa, agora, é reunir essas forças dispersas e isoladas para, como mandava Lenine, em 1907, "dirigi-las contra os Com-Negros e contra os liberais, emancipando todos os partidos pequenos burgueses e todas as suas tendências da influência da ideologia cadete e da política dos cadetes, determinando publicamente o grau de valor dos grupos revolucionários e oportunistas entre os trudoviki e a confiança que neles se pode ter." Já está o nosso objetivo tático atual traçado pelo grande chefe proletário.

A L. C. I. propõe, portanto, ao Partido Socialista, ao Partido Comunista, ao Partido Socialista Proletário e aos elementos proletários, com programa definido, um acordo técnico-eleitoral no intuito de evitar que os votos em segundo turno se dispersem inutilmente, com proveito para os partidos burgueses. É preciso disciplinar o eleitorado proletário. É preciso não deixar que os eleitores operários, na ausência ou impossibilidade de chapas completas de cada partido proletário, isolado, votem, em segundo turno, em candidatos avulsos, meros caçadores de votos, sem cór política, ou mesmo em candidatos tirados das legendas de partidos políticos da classe inimiga. Devemos canalizar os votos em segundo turno para uma legenda comum, formada pelos candidatos dos partidos proletários ideologicamente afins.

Uma condição de princípio estabelecemos para o acordo: o direito de cada organização fazer a propaganda de seu programa e de sua bandeira, com inteira liberdade e independência, sem restrições. Outra condição para delimitar a linha divisora do acordo é a de que este só poderá ser feito com organizações que, pelo seu programa e sua designação, se definam como uma tendência do movimento socialista ou proletário e sejam completamente separadas dos partidos burgueses e dos grupos confusionistas ou aventuristas, direta ou indiretamente, ligados à situação política dominante desde Outubro de 1930. O acordo deverá ter um nítido e inequívoco caráter de classe, com uma significação política bem clara, capaz de refletir fielmente os diversos graus de desenvolvimento político do proletariado no momento atual. O acordo assim definido, tornará possível distinguir-se, amanhã, publicamente, essas tendências não só pela sua atitude em face do parlamento, como na luta de massas, fora da arena parlamentar, isto é, no campo primordial e decisivo da luta da classe operária pela sua emancipação.

A burguesia reorganizou-se politicamente, a partir da massorca de outubro de 1930. No intuito de en-

Frente Unica de Luta e Frente Unica de Tapeação

(Resposta á "Vanguarda Estudantil")

Só há uma frente única de luta em São Paulo: a Frente Unica Antifascista, a cujo programa de ação aderiram o Partido Socialista, a Liga Comunista Internacionalista, o Grupo Socialista "Giacomo Matteotti", a União dos Trabalhadores Gráficos, o Sindicato dos Profissionais do Volante e Similares, e o "Homem Livre". Por outro lado, como o tem demonstrado todos os acontecimentos, nacional e internacionalmente (a Alemanha!), só há uma frente única de tapeação: a chamada "frente única só pela base" que os stalinistas inventaram.

Como prova de que só há a F. U. A. como frente única de luta, existe, antes de mais nada, o programa de ação comum subscrito pelas organizações que a constituem. Como prova de sua eficiência, existem as manifestações públicas realizadas: 14 de Julho e 15 de Dezembro de 1933, 25 de Janeiro e 1.º de Maio de 1934.

E, como prova da existência de uma "frente única só pela base", que fato concreto poderão citar os stalinistas? Perguntamos: Quais foram, no passado, ou quais são, no presente, as organizações que constituem a "frente única só pela base"? Não existem. Os stalinistas só nos poderão apresentar a sua fórmula vazia e nada mais. Perguntamos: Qual foi, no passado, ou qual é, no presente, a única manifestação concreta de atividade antifascista, mesmo isolada, das organizações stalinistas? Não existe. Os stalinistas só nos poderão apresentar a sua "Vanguarda Estudantil".

Journalico que, como a "Gazeta Policial" e alguns outros, também tem seus leitores em S. Paulo, publicou um longo artigo tendente a demonstrar que a "luta" está com eles — os stalinistas — e a "tapeação" conosco — os comunistas. Com que argumentos? Nenhum. Limitam-se os homenzinhos do Comitê Estudantil a pôr em ordem uma série de caricaturas, a deturpar, sem o menor escrúpulo, acontecimentos que ainda vivem na memória de cada operário. Chegam a dizer que os comícios de 15 de Dezembro de 1933, realizado no salão da Lega Lombarda, e de 25 de Janeiro de 1934, semi-realizado no Largo da Concórdia, foram obra exclusiva do Comitê de Luta Contra a Guerra e o Facismo. Mas, como! E os representantes desse mesmo Comitê não compareceram, então, ás reuniões da F. U. A. que organizaram aquelas manifestações? E não concordaram elles com os manifestos de convocação que se lançaram? Não discutiram e não se submetteram?

A convergência política chega ao auge. Mas como responder a essa gente? Naturalmente, narrando os fatos. Mas os fatos foram vividos por todos, inclusive, excepcionalmente, pelos stalinistas, que conscientemente os deturpam. Os fatos foram, além disso, narrados com todos os detalhes no "Homem Livre". Com os stalinistas estava, nessa época, o policial-stalinista Osvaldo Costa, que parece só agora ter sido expulso do Partido da Capitulação.

Devemos narrar de novo o que se passou? Valerá isso a pena? Não perderemos o nosso tempo com uma polémica inútil?

Não se trata, porém, do stalinismo, mas daqueles que lhe podem dar crédito, por desconhecerem os seus antecedentes. É preciso, de uma vez por todas, acabar com essa farsa ridícula.

Ora, historicamente rapidamente o papel dos stalinistas na luta antifascista.

A 11 de Junho de 1933, quando Frola realizava uma conferência na U. T. G., um nosso camarada propôs concretamente, aos representantes presentes de todas as tendências, uma frente única contra o facismo. Ficou assentado que se realizaria uma reunião preparatória, para a qual seriam convidadas todas as organizações antifascistas de S. Paulo. Pois bem: a essa reunião, os stalinistas se limitaram a enviar, na qualidade de "espectadores" (ou de espíritos?) e sem credenciais, dois elementos — um do P. C. e o outro do Socorro Vermelho, segundo as suas próprias declarações. Foi-lhes explicado, então, que as credenciais eram necessárias, sobretudo quando nenhum dos presentes os conhecia,

mas que, para evitar explorações futuras, seria permitida a sua presença, mesmo na incerteza em que se estava acerca da sua identidade. Esses elementos assistiram a toda a reunião, como simples "espectadores", conforme o seu desejo expresso desde o primeiro instante. E saíram quando terminaram os trabalhos, sem expor uma idéa, sem externar uma opinião, sem proferir uma só palavra de aplauso ou de desaprovção.

A atividade dos iniciadores do movimento continuou. Realizou-se, mais tarde, uma grande assembleia, na qual se discutiram as bases de constituição da Frente Unica Antifascista. Das organizações presentes, só os anarquistas votaram contra, declarando que se conservariam á margem, e isso porque queriam uma liga antifascista constituída de indivíduos de todas as correntes, e não uma frente única de organizações. Os stalinistas presentes não disseram uma só palavra; nem sequer responderam ao chamado claro e reiterado que o presidente da assembleia fez de suas organizações. Esse fato chegou a provocar hilaridade.

Posteriormente, a 14 de Julho, a Frente Unica Antifascista, já constituída, realizou um grande comício no salão da Lega Lombarda. E os stalinistas, sempre como "espectadores", sempre espiando, estiveram presentes. Ao terminar o comício, um dos "espectadores", um elemento do P. C., pede a palavra. O presidente, que por sinal era um nosso camarada, ao qual os stalinistas haviam, anteriormente, impedido que falasse num comício da União Operária e Camponesa, atendeu a esse pedido sem relutância, apenas para evitar que os stalinistas, como é seu costume, perturbassem a reunião. (Note-se bem: nenhuma organização stalinista, apesar de todas elas terem sido convidadas, compareceu á parte da F. U. A. de acordo com o programa do comício, só poderiam falar os representantes de organizações coligadas, o que não era o caso do orador do P. C. O presidente só atendeu ao seu pedido para evitar que se consumasse o trabalho de provocação premeditada pelos burocratas traidores).

Passemos adiante. Não contente de poder gozar de um direito que não tinha, o representante stalinista desandou a atacar, nessa reunião de frente única contra o facismo, os dirigentes das organizações presentes ao comício. Um grupo de anarquistas procurou impedir que o orador continuasse. O pobre stalinista, miseravelmente acovardado, parecia cambalear. E o presidente, membro da Liga Comunista Internacionalista, segurando-o fortemente no ombro, gritou-lhe: "Fale, camarada! Aqui estou para não permitir que se perturbe a reunião". E assim se realizou o comício até o fim, sem que ninguém ousasse provocar novos tumultos. E quando os stalinistas, muito sossegados, iam para as suas casas, três dos nossos camaradas, inclusive o que presidiu ao comício, foram para a cadeia.

Depois disso, houve uma grande pausa. Os nossos aliados, amedrontados pelo que acontecera, não compareciam ás reuniões da F. U. A. Apenas os delegados da Liga da U. T. G. e do "Homem Livre" atendiam ás circulares que lhes eram enviadas. Não era, porém, o bastante para atividade eficiente.

A 14 de Novembro, o Centro de Cultura Social realizou uma "conferência-meeting anti-integralista" no salão Celso Garcia. Quando falava o conferencista, nosso camarada e representante do "Homem Livre", os integralistas atacaram a reunião e foram repellidos. Numa demonstração de força, os operários saíram em bloco até o Largo da Sé, aos gritos de "Morra o Integralismo!". Os locais de Plínio Salgado, completamente desmoralizados, fugiram para a sua sede. E os stalinistas? Estes só souberam do que ocorreu pelas notícias dos jornais no dia seguinte. Os operários foram atacados a bala pela policia na Avenida Rangel Pestana, a pedido do chefe integralista Ulisses Paranhos. Safu um sapateiro ferido. Vários militantes foram

presos. E os stalinistas? Ah! Estes continuaram nos seus postos: dentro de casa.

Mas, continuemos.

Depois de terem visto que não valiam mesmo nada — nem intelectual, nem moralmente, — os burocratas stalinistas imaginaram uma "manobra": "Estamos num beco-sem-saída. Todos vêem que não passamos de uns pobres diabos. A I. C. vai nos meter o pau. É verdade que na Alemanha... Mas, aqui vamos muito longe, exageramos muito. É preciso fazer ao menos alguma coisa. Mas como, si não temos forças? É simples: mandaremos á F. U. A., ao "Homem Livre", aos trotskistas, etc., um convite para um comício no dia 15 de Dezembro. Como antifascistas, eles não poderão recusar. Diabo! Acontece, entretanto, que todos estão coligados em frente única e poderão, assim, forçar-nos a ingressar na F. U. A. E depois, a "frente única só pela base"? Ora, isso não tem importância. Camaradas! Marx e Lenine ensinavam a não ter "preconceitos". Podemos fingir que ingressamos. Depois de tudo estar preparado, quando a massa estiver assistindo ao comício, nós diremos que este foi convocado pelo Comitê Anti-Guerreiro. Que tal? Não é genial?"

Mas... Isso não se admite. Achando ótima a proposta de um comício de frente única, a F. U. A. convidou o Comitê Anti-Guerreiro a enviar seus representantes para uma reunião coletiva, na qual coletivamente se discutiriam as medidas de preparação do comício de 15 de Dezembro. E os delegados do Comitê, como aliás os de numerosos outros "comitês" surgidos á ultima hora, compareceram, não a uma, mas a todas as reuniões preparatórias convocadas pela F. U. A. Discutiram e votaram, exatamente como os representantes das demais organizações. Assim, então, por proposta de um stalinista — a "manobra" vai começar — que o manifesto com que a F. U. A. chamaria o proletariado a comparecer ao comício, seria assinado por todas as organizações coligadas. Quanto á ordem em que os nomes das organizações deviam aparecer no referido manifesto, ficou estabelecido, também por súplica de um stalinista — a segunda parte da "manobra" aí vem — que o primeiro nome fosse o do Comitê Anti-Guerreiro, por ter sido este a organização "proponente" do comício. E assim se fez. O comício realizou-se mais ou menos normalmente.

Alguns dias depois, os stalinistas apressaram-se em propor, na F. U. A., novo comício para o dia 25 de Janeiro. Depois de vários incidentes, provocados pelo fato dos stalinistas terem querido monopolizar o uso da palavra nas reuniões, com a leitura de manifestos intermináveis do P. C. sobre as escaramuças de Lampeão "agrário e anti-imperialista" com a policia, — ficou assentado que o comício proposto para o Largo da Concórdia se realizaria como o anterior: convocado pelas organizações da F. U. A. Com uma diferença: Desta vez, o nome do Comitê Anti-Guerreiro passaria para o último lugar, até que de novo, pela ordem, lhe coubesse ser o primeiro. Os stalinistas aprovaram isso, isto é, fingiram que aprovaram, como vamos mostrar.

A "manobra", porém, não deu resultado. De qualquer maneira, era sempre o diabo da F. U. A. que aparecia. A "frente única só pela base" continuava a ser o que era: um mito, uma fórmula vazia, uma invenção burocrática única de luta contra o facismo. Novo beco-sem-saída. E os burocratas pensaram: Nossa "manobra" não deu certo. Todos vêem que eles têm razão. Ninguém acredita nas nossas simples alegações. Mas, e a I. C.? Precisamos fazer alguma coisa. Que fazer? É simples: precisamos dar o fora o quanto antes, mas com uma retirada de mestres. Como? É simples: fazendo uma provocação. Eles já caíram na esparrela de consentir em realizar o comício em praça pública sem ter forças suficientes para enfrentar a policia. A cavalaria ficará no Largo, pronta para entrar em ação. Algum socialista protestará

junto ás autoridades. Enquanto isso, nós apareceremos abertamente como P. C., desfaldaremos algumas bandeiras vermelhas, daremos vivas á I. C., xingaremos os trotskistas e... nos retiraremos da F. U. A. Haverá tiros e prisões. Ora, ninguém poderá negar que fomos nós e a policia os que mais se mexeram. E então? Então, logo no dia seguinte, lançaremos um manifesto dizendo que é impossível ficar numa frente única de tapeação. Esculhambaremos os trotskistas, os socialistas, etc. Diremos que a U. T. G. é trotskista (que diabo! sabemos que a policia não distingue a coisa e fechará também essa espelunca). Faremos crer ao proletariado que os Frolas, os Aristides Lóbo, os Mártios Pedrosa, se misturam todos com as autoridades policiaes, ao passo que nós, do P. C., sustentamos uma luta heroica com a policia. Que tal? Não está bem pensado?"

Sim, está bem pensado. Mas, como vamos mostrar, o mundo não é composto somente de camelos.

Os proletários de S. Paulo viram, mais uma vez, que a "frente única só pela base", na linguagem dos acontecimentos, só pode significar uma coisa: tapeação + traição + provocação + capitulação + ... De forma que a nova "manobra" stalinista não deu resultado. A fábrica de calçados que é a burocracia do P. C. atravessa uma crise de superprodução. Ninguém mais aceita os seus produtos. A quantidade é excessiva e a qualidade de segunda ordem.

No dia 1.º de Maio, a Coligação dos Sindicatos Proletários e a Frente Unica Antifascista realizaram um comício no salão do Palácio das Indústrias. Falaram os oradores de todas as organizações operárias aderentes. Os stalinistas, sempre com o mesmo e eterno propósito de perturbar a reunião, pediram a palavra. Esta lhes foi negada, pois só podiam falar os oradores inscritos, conforme a declaração escrita lida ao abrir o comício pelo presidente da reunião, com a aprovação unanime da massa presente, afim de evitar que a policia pudesse aproveitar o menor ensejo para entrar em cena, como é seu hábito, atacando e espingando o povo, dissolvendo violentamente a manifestação.

Os stalinistas quasi ao fim da reunião protestaram, fazendo, pois, um ato evidente de provocação. Inútilmente! A enorme massa operária mandou-os passear, não lhes dando ouvidos. Vendo-se completamente isolado e divorçado da massa, tentaram esbravejar nos seus xingamentos costumeiros, mas tiveram que enfiar a viola no saco, e murcharam. E assim terminou a detestável comédia que o stalinismo vinha representando no movimento antifascista de S. Paulo.

A "Vanguarda Estudantil", com a meca d'uzia de energúmenos que a redigem, pretende levar a péca novamente á cena. É inútil. Os operários estão fartos de pornografia.

Para terminar: Avisamos aos srs. burocratas stalinistas que, ao tempo em que fomos fração do saudoso Partido Comunista, nosso objetivo era regenerá-lo, retificando a sua linha política. Agora, porém, somos uma organização independente e, portanto, seus adversários. Na luta pelas nossas idéas, estamos dispostos a defendê-las até o fim, contra todos os seus adversários, quaisquer que sejam. Pois essas idéas são as verdadeiras idéas do socialismo internacional e da revolução proletária. Não recuaremos uma polegada do terreno em que nos colocamos. Enfeixado em nossas mãos, sustentaremos até o fim o programa revolucionário de Marx e de Lenine.

Denunciemos os stalinistas á policia, como faz a "Vanguarda Estudantil". Fazem a policia fechar os sindicatos operários miseravelmente acusados de "trotskistas". Recorram a todas as armas, inclusive ás tentativas covardes de assassinato, como já fizeram com os nossos camaradas europeus. Isso não nos fará recuar um milímetro.

Sabermos desfaldar bem alto a bandeira da IV Internacional, da qual a "Vanguarda Estudantil" tem tanto medo que chega a publicar a infamia de que o camarada Mártio Pedrosa "desfaldou" a bandeira da 2.ª Internacional" no comício de 1.º de Maio. A III Internacional — saibam-no os stalinistas — está morta, assim como a II.

A história já as condenou irremediavelmente. A revolução proletária internacional será a obra da I.ª Internacional, da verdadeira Internacional bolchevique-leninista! Enoja-nos sustentar polémica com uma gente tão desmoralizada. É que não se trata de idéas, que os burocratas não têm, mas de um charco nauseabundo onde os nossos adversários estão atolados até o pescoço: é o charco da calúnia sem medida e da delação policiaes sem exemplo.

Não perderemos mais tempo e papel inutilmente com esse monturo de torpezas e calúnias. Já o mostramos, em todo o seu volume e com todos os seus efeitos profundamente deletérios, ao proletariado consciente de S. Paulo e do Brasil. E basta!

O nosso trabalho de internacionalistas e marxistas revolucionarios exige de nós toda a nossa atenção, todos os nossos esforços e energias, toda a nossa intelligência: não temos, pois, um instante sequer a perder com essa sujeira.

Julho 934.

FREDERICO

Os capitalistas de todos os países fecham as portas a Leon Trotski

(De "The Militant" de 5-5-34)

Até agora, a tentativa feita pelo camarada Trotski para encontrar asilo em qualquer país tem sido infrutifera. Todas as portas lhe estão fechadas. As ultimas informações dizem que ele terá de permanecer na França, "sob a constante vigilancia da policia". O NEW YORK TIMES de 3 de maio publica o seguinte despacho:

"PARIS, 2 de maio. — A França, que ha duas semanas intimou Leon Trotski a abandonar o país, será forçada a guardá-lo. Nenhum outro país quer aceitá-lo.

Desde a ordem de expulsão, o archi-conspirador, que reconheceu que estava tentando organizar uma quarta internacional, tem levado a efeito negociações com muitos países, no sentido de obter o seu asilo. Mas hoje, expirando o limite de tempo estabelecido para a sua permanencia na França, éle informou ao governo francês que nada conseguiria. Nenhum país permitia que o Sr. Trotski atravessasse as suas fronteiras.

Nessas condições, o governo francês resolveu que éle fosse virtualmente internado. O Conselho de Ministros concordou em fixar-lhe uma residência onde éle estaria sob constante vigilancia da policia. Hoje as autoridades declararam que o Sr. Trotski deveria ocupar essa residência amanhã, mas não indicam a sua localização exata. Declararam apenas que será pelo menos a 185 milhas de Paris.

O Sr. Trotski continuará entretanto as negociações, na esperança de obter um refugio. Solicitou hospitalidade de várias republicanas da América Central, de que ainda não obteve respostas.

Pelo direito de asilo aos revolucionarios perseguidos pela reacção capitalista!

A concepção do Estado, segundo Lenine

O grande mérito de Lenine, como teórico, foi ter restaurado, em toda a sua extensão, a concepção marxista do Estado. Esta vinha sendo simplesmente "esquecida" pelos corifeus da social-democracia. No desenvolvimento pacífico dos partidos socialistas europeus, filiados à II Internacional, no ambiente sedativo do parlamentarismo, a tática, visando objetivos momentâneos e circunstanciais, substituiu a estratégia revolucionária. Isto dava uma arma poderosa aos anarquistas fanfarrões e declamadores que, em nome da sua "ação direta", explorando a corrupção crescente e inegável dos chefes socialistas, antigos discípulos de Marx e Engels, combatiam a doutrina do socialismo científico com a utopia reacionária e pequeno-burguesa da negação do Estado. Em geral, e dos métodos de acção políticos, em particular. Por isso mesmo, também, o livro de Lenine O Estado e a Revolução teve, e deve continuar a ter sobre todos os anarquistas honestos e inteligentes (veja-se o caso de Victor Serge) uma influência decisiva.

Pouco mais de uma década se passou desde que foi escrito O Estado e a Revolução. E acontece que já é preciso restaurar hoje, de novo, colocando-a em seus termos exatos, a doutrina do Estado segundo Marx e Lenine. E o mais impressionante é que essa deformação traz precisamente a chance de um governo saído da Revolução de Outubro, que aplicou concretamente os princípios defendidos com tanta intransigência por Lenine — o governo soviético, o primeiro estado operário do mundo. Este simples fato basta para mostrar, em todo caso, que esse Estado sofreu um processo mais ou menos longo de degenerescência, determinada pelas condições históricas herdadas do czarismo e em virtude do seu isolamento num mundo capitalista, isolamento que é consequência da derrota da revolução proletária em alguns países importantes. Assim, pois, para empregarmos aqui uma expressão marxista, essa degenerescência constitui, antes de mais nada, o resultado de certa correlação de forças entre o proletariado e a burguesia.

O Estado — ensina Lenine — é o produto e a manifestação do antagonismo inconciliável das classes sociais. Para reforçar a sua afirmativa, cita Engels: "para que essas classes opostas, com interesses econômicos contraditórios, não se devorem mutuamente e não devam a sociedade numa luta estéril, tornou-se necessária uma força que se coloca aparentemente acima da sociedade e é encarregada de moderar o conflito, de mantê-lo nos limites da "ordem". Esta força saída da sociedade, mas conservando-se acima dela e dela se afastando cada vez mais, é o Estado".

Baseado neste ensinamento clássico, Lenine condensa o numa imagem poderosa: o Estado é a máquina de esmagar uma classe por outra. Na sociedade capitalista, as classes populares, o conjunto dos explorados pelo sistema de produção mercantil, são dominadas pela máquina de um Estado que defende os interesses dos exploradores, os interesses da propriedade privada. Para que esta dominação seja completa e não haja surpresas da parte do povo, principalmente de sua vanguarda urbana, o proletariado industrial, a burguesia, constituída como classe dominante desde a destruição do feudalismo, não dispensa um poder público, que não corresponde diretamente à população. "Este poder público, distinto e indispensável desde a cisão da sociedade em classes..." (Engels) — cisão que nem sempre existiu, pois houve época da humanidade em que a sociedade foi defendida pelo conjunto dos cidadãos em armas. "Ele (esse poder) não compreende unicamente homens em armas, mas ainda elementos materiais, prisões e instituições coercitivas de toda espécie, que a sociedade patriarcal (o clan) não conhecia". (Engels).

Na sua luta pelo poder político, que é a que conduz fatalmente, por um caminho atravancado de contradições, a sua luta pelo pão cotidiano, o proletariado vai se servindo de todas as armas ao seu alcance e não pôde dispensar naturalmente, no momento oportuno, a utilização da arma do Estado, arma de gume acerado, cuja importância a burguesia muito bem compreende e encarece. Mas é também evidente para todos ser raciocinante que,

uma vez chegado ao poder, o proletariado não pôde utilizar tal como encontra a engrenagem do estado capitalista, a qual vinha sendo articulada de forma a defender mecanicamente a classe exploradora. Deve — isto sim! — deve quebrar toda a máquina, quebrá-la violentamente para que não fique peça sobre peça, e construir uma nova, adaptada às condições históricas da classe nova e acendente que instaura o seu domínio sobre as ruínas do passado.

A conclusão necessária do que fica dito é que o estado proletário, embora empregando mesmo, segundo as circunstâncias e as imposições da vida, peças e acessórios retirados da máquina antiga, difere inteiramente, pela sua estrutura e pelos seus fins, do estado capitalista, qualquer que seja a forma política que este tenha: monarquia, república, ditadura facista, etc.

Esta diferença de estrutura, resultante da necessidade de quebrar o aparelho de coerção da burguesia, ressalta de maneira inequívoca da análise que Marx fez da Comuna parisiense, a qual, como se sabe, foi o primeiro modelo, inacabado, incompleto, mas em todo o caso o primeiro modelo de um estado proletário que surgiu na História.

"O primeiro decreto da Comuna suprimiu, pois, o exército permanente e o substituiu pelo povo armado" — diz Marx. Esta reivindicação figura no programa de todos os partidos revolucionários. É essencial. "Desembaraçado do exército permanente e da polícia, elementos de força material do velho governo, a Comuna resolveu quebrar a força espiritual de repressão, o poder dos padres... Os magistrados deviam ser despojados de sua falsa independência... Como os outros servidores do povo, os magistrados e os juizes deviam ser eletivos, responsáveis e destituíveis". E Marx acentua mais uma diferença entre os dois Estados inconciliáveis: "A Comuna devia ser não uma corporação parlamentar, mas uma corporação laboriosa, ao mesmo tempo legislativa e executiva. Em lugar de deputados, ela devia ter seis em seis anos qual o membro da classe dominante encarregado de representar o povo no Parlamento (o texto alemão diz: *verwand-zertre-* ten, o que significa: representar e aperturar) o sufrágio universal devia servir ao povo constituído em comunas para eleger para a sua empresa operários, contramestres, contadores, como o sufrágio individual serve a todo industrial na sua procura de operários e contramestres".

Destruido o estado-parasita burguês, abre-se para a humanidade um novo período histórico... Esta fase não pôde deixar de ser pensada, catástrofica mesmo, como um parto laborioso, pois é a fase de transição de um mundo para outro. Trotski, no seu livro de polémica contra Kautski (Terrorismo e Comunismo) observa com justeza que não se pôde culpar a criança pelas dores que faz sofrer à mãe, no momento de nascer.

"Entre a sociedade capitalista e a sociedade comunista se situa o período de transformação revolucionária da primeira na segunda. A isto corresponde um período de transição política em que o Estado só poderá ser a ditadura revolucionária do proletariado..."

São palavras de Marx. Constituem ainda hoje o pesadelo dos reformistas à Kautski, que procuram exceder a sua tração com uma pretensa "ortodoxia" revolucionária.

Se o Estado é o produto dos antagonismos de classe, a existência de um estado proletário que faz uso da violência, de uma ditadura apoiada no povo em arma, significa que sob o domínio político dos trabalhadores a luta de classes não desaparece. Pelo contrário, essa luta se intensifica, se torna áspera e implacável, pois a burguesia não entrega do bom grado as posições que vinha ocupando e opõe à classe revolucionária a resistência mais desesperada. Tanto mais que o capitalismo não se limita dentro das fronteiras de um único país, e, vendido num determinado setor nacional, mobiliza naturalmente, com o seu velho instinto de conservação, todas as forças internacionais de que dispõe. O proletariado, que na atividade insurrecional e conspirativa já organizara a sua milícia proletária, vê-se então obrigado a alargar os seus meios de combate, constituir o seu exército para enfrentar o inimigo na guerra civil, que é a luta de classes no seu grau mais elevado.

Foi assim na Rússia, onde a forma soviética da ditadura do proletariado se constituiu em novembro de 1917 com a insurreição vitoriosa dirigida pelo Partido Bolchevique. Mas essa ditadura ficou isolada, como vimos, em virtude do refluxo da revolução internacional, cuja força destrutiva foi quebrada no seu primeiro impeto pela traição minuciosa e consequente da social-democracia, principalmente da social-democracia alemã, que era a mais importante do continente europeu. E o estado operário, para subsistir, teve que fazer concessões de natureza estratégica no terreno econômico. O atraso do país, implicando na realização de tarefas socialistas e tarefas democrático-burguesas combinadas, engendrou uma nova camada burguesa interna que, a partir de 1923, começou a influir cada vez mais no Estado e no partido do proletariado. Morto Lenine, a fração burocrática de Stalin, que se diferenciara do núcleo revolucionário em virtude de condições puramente funcionais, começou a representar aos poucos, no poder, e de forma regular, os interesses das camadas estranhas ao proletariado. Em todo o caso, sofria ainda a pressão organizada deste último.

Stalin criou desde 1924 a teoria reacionária da possibilidade da construção do "socialismo num só país", maneira pequeno-burguesa, intermediária, centrada, de abandonar o internacionalismo proletário, alma e sangue da doutrina marxista. A revolução, posto em prática esse desvio teórico, foi traída em todo o mundo, na China e na Alemanha principalmente (1927, 1933). E gradativamente, a concepção marxista do Estado desapareceu do cartaz soviético, sendo substituída por uma outra que é a sua caricatura grosseira e a sua mutilação. Que é mesmo a sua negação.

Mas tudo tem a sua lógica, inclusive os erros e as falsificações. A doutrina do "socialismo num só país" levou a burocracia soviética — depois de um longo período de capitulação perante o camponês rico, o kulak, e a hostilidade crescente do povo — que no começo de

1928 precisou entregar o seu trigo à cidade e à indústria do Estado — levou a burocracia soviética a realizar pânico uma reviravolta completa no sentido da coletivização da agricultura. Foi a fase ultra-esquerdista da coletivização em massa. Organizou-se, em proporções grandiosas, uma repressão administrativa desesperada contra o kulak, considerado até então um dos pilares do socialismo... num só país. As contradições da economia soviética foram abolidas por decreto. Instituiu-se às pressas, numa velocidade vertiginosa, o programma de "liquidação do kulak como classe".

Muita razão tinha Trotski a lembrar de Prinkipo, que a "liquidação do kulak, tomada a sério, é inquestionavelmente a liquidação da última classe capitalista" pois "sem a base do kulak, o explorador, o especulador, o nepman a cidade não podem existir economicamente". E o companheiro de Lenine, o defensor infatigável de sua lista significa transformar a União idéias e dos seus métodos políticos, acrescentava: "Incluir toda a população do campo na economia socialista em uma sociedade sem classes dentro de dois ou três anos. A sociedade sem classes não precisa de governo, e, sobretudo, de uma forma de governo concentrada como uma ditadura".

Mas Stalin, então, declarou que a ditadura seria ainda necessária por muito tempo, para destruir os resíduos da burguesia. Os resíduos! Mas o "chefe amado", apesar de infalível, não pode, entretanto, explicar direito como e porque, segundo Marx e Lenine, o desaparecimento na Rússia das classes hostis ao proletariado não coincide com um processo paralelo de depreciação, de amortecimento da ditadura, e isto como expressão do fato real de que se atenuam, "na marcha para o socialismo", os antagonismos de classe.

O inverso, precisamente, é o que se verifica. Nunca viu-se a burocracia dirigente tão na necessidade, como presentemente, de exercer uma ditadura mais brutal. A concepção de um estado operário intangível, colocado abstratamente acima das classes, isolado e imóvel no tempo e no espaço, não tem nada de dialética. É uma falsificação do marxismo, embora ande por aí, divulgada em manuais soporíferos, para uso e conforto dos falsos "amigos da U.R.S.S.". A ditadura do proletariado poderia manter-

se, por efeito de um equilíbrio instável diante das forças inimigas. Poderia atenuar-se, no sentido do socialismo, mas com uma condição: o progresso da revolução em todo o mundo, e não o progresso da ditadura facista, para cuja vitória não foi estranha a política oficial da U.R.S.S. Poderia degenerar, no sentido do capitalismo, e é o que está se dando. De maneira que hoje, na U. R. S. S., a tarefa central dos revolucionários diante do perigo crescente de um bonapartismo como forma política da restauração capitalista, é restaurar em toda a plenitude a ditadura da classe operária.

Mas esta tarefa gigantesca não se fará sem uma preliminar: destruição da ditadura burocrática, liquidação do stalinismo. É esta uma das tarefas dos comunistas internacionalistas, partidários da IV Internacional, que articulam pacientemente as forças revolucionárias de todo o mundo para auxiliar os seus irmãos soviéticos,

derrubando do poder a burguesia dos grandes países capitalistas do Ocidente.

"Os grandes revolucionários foram sempre perseguidos durante a sua vida; a sua doutrina foi sempre alvo do ódio mais feroz, das mais feroces campanhas de mentiras e de difamação por parte das classes dominantes. Mas depois de sua morte, tenta-se convertê-los em ídolos inofensivos, canonizá-los por assim dizer, cercar o seu nome de uma aureola de glória, para "consolá-los" das classes oprimidas e para o seu benefício, enquanto se castra a substância do seu ensinamento revolucionário, embotando-lhe o guano, anulando-o".

Estas palavras de Lenine, escritas com relação a Marx, aplica-se perfeitamente ao seu próprio caso e às suas opiniões sobre o Estado. Isto mudado sistematicamente pelo stalinismo, enquanto o seu cadáver embalsamado é exposto às multidões.

ALVES

CARTA ABERTA aos membros do PARTIDO COMUNISTA

O camarada Valter (Lobato) antigo e dedicado militante do Partido Comunista depois de estudar detidamente e de comprovar pela prática as divergências existentes entre a Liga Comunista Internacionalista (antiga Oposição de Esquerda) e o P. C., acabou reconhecendo a justiça da política e dos princípios bolcheviques-leninistas da L. C. I., em oposição à degenerescência burocrática e ao centrismo do P. C. Assim é que, agindo honesta e consequentemente, abandonou o pantano do stalinismo para lutar, sob a bandeira da Liga Comunista Internacionalista, em prol da revolução proletária. A declaração de princípios que o camarada Lobato fez, e que publicamos a seguir, deve ser concenciosamente estudada por todos os elementos sinceros do P. C. que ainda se iludem com os vertices apodrecidos do stalinismo.

"Declaro que abandono hoje, em definitivo, as fileiras do ex-Partido Comunista, Secção Brasileira da III Internacional. Faço-o em plena consciência, depois de assistir à série interminável de derrotas do proletariado mundial, cuja responsabilidade recai inteiramente sobre a burocracia stalinista. Considero absoluta a impossibilidade de regenerar o regime da Internacional fundada por Lenine e destruída por Stalin.

Verifico que a maior parte da minha atividade nas fileiras daquele Partido, através de prisões, deportações e sofrimentos de toda espécie, teve como resultado a preparação para o movimento revolucionário no Brasil, em virtude da direção burocrática e anti-marxista a que eu me achava submetido, por uma disciplina incompatível com a concepção leninista. Depois de estudar detidamente as divergências que durante dez anos se desenvolveram entre a direção da III Internacional e a Oposição de Esquerda, hoje Liga Comunista Internacionalista, concluo pela necessidade de considerar o stalinismo como uma seita reacionária e por conseguinte, pela necessidade de trabalhar pela fundação da IV Internacional.

De acordo, em toda a linha, com os pontos de vista sustentados pela L. C. I., oponho à linha do partido stalinista os seguintes pontos fundamentais: 1) revolução proletária, de caráter permanente e internacional, e não socialismo num só país; 2) ditadura do proletariado tanto para os países imperialistas como para os países coloniais, semi-coloniais e dependentes e não "ditadura" do proletariado e dos camponeses; 3) impossibilidade da pequena burguesia desempenhar qualquer papel político independente e portanto necessidade de um trabalho tendente a mobilizá-la sob a direção do proletariado; 4) incompatibilidade da teoria do socialismo com a concepção marxista da luta contra o facismo; 5) caráter reacionário da luta anti-guerrreira do stalinismo desenvolvida no sentido do pacifismo apodrecido e não no sentido da transformação da guerra imperialista em guerra civil; 6) necessidade de defesa da U.R.S.S. contra o inimigo capitalista exterior e interior do qual a burocracia soviética é um agente, como o tem demonstrado a política de traição da sua diplomacia; 7) incompatibilidade de Frente Unica Anti-fascista, feita através das organizações de massa com a formula abstrata e profundamente contra-revolucionária na prática de "Frente Unica só pela base"; 8) necessidade de um trabalho em todas as organizações operárias de massa, independentemente da ideologia das suas direções, e não destruição dessas organizações (sindicatos etc.), como o fazem os stalinistas, ao procurarem transformá-las em meros apêndices do P. C., concorrendo assim para a divisão das fileiras operárias e impossibilitando a conquista das grandes massas para a bandeira do comunismo, etc."

Muitos seriam ainda os pontos de divergência a enumerar. O stalinismo constitui cada vez mais um sistema diametralmente oposto ao marxismo como método de investigação, como doutrina e como ação revolucionária. Sendo impossível discutir aqui a questão, em todos os seus aspectos, disponho-me a aceitar qualquer controvérsia a respeito, da qual participem representantes do P. C. e da L. C. I. e com a presença de operários. Certos de que os elementos honestos do P. C. reconhecerão com facilidade a oposição existente entre o marxismo revolucionário e o stalinismo, terei a satisfação não só de cumprir o meu dever de comunista, como também o de contribuir para desmascarar os burocratas traidores.

S. Paulo, 13 de Julho de 1934.

VALTER (LOBATO)".

ganar mais uma vez os trabalhadores, os velhos partidos se pintaram de novo e se apertaram para retomar os seus velhos postos: nesse sentido não há nenhuma diferença fundamental entre o P. R. P. e o P. C. São vinhos da mesma pipa. Ao lado desses velhos partidos, a burguesia criou um novo, o integralismo, ou o facismo crioulo. Este, a burguesia conserva-o, por enquanto, como sua última reserva; se os velhos partidos falharem na tarefa de tapiação das massas e na de arrastá-las a votar por eles, então a burguesia passará para a frente o bando dos camisas verdes.

Não devemos por isso mesmo favorecer o jogo da classe inimiga. Nosso objetivo nessa luta eleitoral será de arruinar a hegemonia política das várias espécies de partidos "constitucionalistas", arrancando da órbita de atração desses grandes partidos as organizações pequenas burguesas de tendência socialista que têm base proletária. Cabe-nos acelerar o processo de amadurecimento político das massas, fazer com que ele não cesse de avançar até que o centro de gravidade da luta política se desloque definitivamente no Brasil para outro terreno. Sãia do terreiro familiar da disputa entre o P. R. P. e o P. C. para o campo aberto da luta entre as massas proletárias, em diferentes graus de consciência política, de um lado, e os batalhões políticos da burguesia capitalista, de outro.

Se agora, nas circunstâncias atuais, recusarmos um bloco eleitoral com os partidos de composição proletária, embora ainda ideológica e organizatoriamente pequenos burgueses, e nos isolarmos sectariamente, iremos fazer o jogo dos partidos da grande burguesia; iremos concorrer para atrasar o processo de desenvolvimento político das massas.

Que Lenine conclua por nós outra vez: "E por conseguinte, não devemos, em caso algum, cometer a besteira que os mencheviques, hipocritamente, nos aconselham, no seu desespero: não devemos renunciar a um bloco revolucionário, ao apoio que a pequena burguesia pode dar aos socialistas contra os cadetes" (isto é, os constitucionalistas).

O nosso dever de revolucionários marxistas é, pois, tudo fazer para reunir as forças proletárias e socialistas dispersas e atrá-las contra todas as organizações políticas da burguesia, liberais ou conservadoras, sejam do governo ou da oposição, regionalistas ou facistas e integralistas.

Seguindo as lições do partido bolchevista, de que somos os autênticos continuadores no setor nacional da luta de classes, poderemos arrematar, mais uma vez, com essas palavras de Lenine, em face de uma situação idêntica e de idêntico problema, em janeiro de 1907, por ocasião das eleições à segunda Dama czarista:

"E nós faremos isso" (quer dizer o bloco eleitoral com os socialistas-revolucionários e partidos pequenos burgueses. N. R.) "sem sacrificar uma vírgula da nossa completa independência ideológica na nossa propaganda de social-democratas, sem renunciar nem ao mínimo aos nossos objetivos socialistas, sem renunciar a expô-los integralmente, sem renunciar um segundo a denunciar todas as tergiversações e trações da pequena-burguesia."

Pela unidade de ação do proletariado! Contra a dispersão das forças em proveito da burguesia e do capitalismo!

Nem um só voto proletário aos partidos burgueses!

Contra o facismo e sua forma crioula — o integralismo! Pela milícia popular anti-facista!

Por uma legenda comum das organizações proletárias, socialistas e comunistas!

Pela única forma de representação legítima das massas trabalhadoras: os Soviéticos!

Pela defesa revolucionária da União Soviética!

Pela revolução proletária mundial!

Pela Quarta Internacional, herdeira de Marx e de Lenine!

A COMISSÃO CENTRAL DA LIGA COMUNISTA INTERNACIONALISTA (bolcheviques-leninistas).

O verdadeiro significado da capitulação de Rakovski

Sobre a capitulação de Rakovski, que a Agência Tass tem feito tanta questão de alardear, temos de fonte absolutamente autorizada as seguintes informações: deportado para Barnaul em 1928, o velho revolucionário passou mais de cinco anos do exílio, sofrendo uma pressão cada vez maior da Guepeú. Nos últimos dois anos, nem mesmo sua mulher, que o acompanhou no exílio, podia corresponder-se com o filho, que trabalha em Paris.

No fim de 1932 Rakovski tentou evadir-se, conseguindo chegar à fronteira, apesar da vigilância mais rigorosa, e sendo ferido pelos guardas soviéticos.

Foi nessa ocasião que a imprensa noticiou a doença e até mesmo a morte de Rakovski. Na verdade, o ferido foi transportado para o hospital do Kremlin, onde sofreu uma formidável pressão moral, a que soube entretanto resistir. Apenas curado do ferimento, foi mandado de volta para Barnaul, sob uma vigilância redobrada. Não havia perspectiva de fuga. Abalado pelo fracasso de sua tentativa suprema, doente, moralmente vencido, esse homem de 61 anos, assinou o documento de capitulação. Enquanto ele estava em Barnaul, seus amigos e companheiros políticos não quiseram divulgar esses fatos para não o prejudicar. Hoje que a capitulação é um fato consumado, julgamos necessário tornar conhecido o significado dessa capitulação. Talvez amanhã as autoridades soviéticas, obriguem o próprio Rakovski a desmentir essas notícias. Não seria a primeira vez que Staline agiria deste modo. Mas tais processos não enganam a ninguém.

A vida de nossa organização internacional

NO CHILE

O Partido Comunista dissidente do Chile, adrente à Liga Comunista Internacionalista, que vinha desenvolvendo no seu órgão — "Izquierda" — uma forte campanha contra o governo de Alessandri, sofreu uma tremenda reação por ocasião do movimento revoltoso que explodiu ultimamente no sul do Chile. Mais de uma centena de camaradas nossos foram presos, e até mesmo o nosso camarada deputado Zapata foi vítima das violências da burguesia chilena, tendo sido ferido por um policial durante a realização de um comício. Ainda assim, os nossos camaradas do Chile continuam sem esmorecer na luta em que estão empenhados contra o regime de opressão ora dominante, luta essa que só terminará com a vitória da revolução proletária.

Solidários com os nossos camaradas do Chile, não podemos deixar de protestar contra as arbitrariedades e violências da polícia e da burguesia chilena.

NOS ESTADOS UNIDOS

A campanha desenvolvida pelos nossos camaradas americanos pela frente única contra o facismo já vem dando os seus frutos. Pela sua linha justa e pela sua combatividade, nossos camaradas inspiram confiança à vanguarda do proletariado americano, criando as possibilidades para um verdadeiro trabalho de massas, tão necessário nesse momento de luta tremenda do proletariado americano pelas suas reivindicações imediatas.

As manifestações de 1.º de Maio em Nova York, em que os nossos camaradas desfilaram pelas ruas da cidade com cartazes com as nossas palavras de ordem pela Quarta Internacional, pela união dos trabalhadores de todos os países, pela revolução proletária internacional, e outras, vieram tornar bem patente o crescimento de nossa organização e seu prestígio no seio do proletariado americano.

NA FRANÇA

O proletariado não como princípio, mas como realidade, concretizada nos decretos-leis, são só ataques contra os trabalhadores e suas organizações de classe;

Contra a expulsão dos revolucionários, em particular contra a expulsão de Leon Trotsky, fundador e chefe do exército vermelho, e o camarada Olzanski, militante comunista;

Contra qualquer restrição ao direito de asilo;

E afirmam:

1.º — A sua vontade de luta contra a burguesia e o seu governo, contra o facismo, pela unidade de ação do proletariado;

2.º — A sua solidariedade re-

solucionária com todas as vitimas da repressão burguesa e facista, da Alemanha e da Austria. Dirigem a Trotsky, o revolucionário indomável, uma saudação fraternal.

SAUDAÇÃO A TROTSKI

Recebemos, de um grupo de membros da A. E. A. R., a seguinte saudação:

Saudamos em Leon Trotsky o homem que, rompendo pela primeira vez na história o pacto de solidariedade no crime, concebeu e realizou Brest-Litovsk. Saudamos o homem que nunca deixou de pensar na revolução em escala mundial e não a redita que o socialismo num só país possa satisfazer aos oprimidos de todos os países. Uns assassinos, uns mercenários e uns cegos insultam Leon Trotsky. Nós só poderemos respirar livremente depois de dirigir a esse revolucionário a expressão de nossa inabalável confiança no futuro do comunismo.

Maurice Costia, AEAR; A. Delferrière, AEAR; R. Dupeyron, ator; Pierre Ferval, AEAR; Loris FTOP, grupo de outubro; Jean Rougeau, AEAR; Ludovic-Rodo Pissaro, pintor; Georges Ibero, pintor.

(De "La Verité").

cessos alcançados pela propaganda da frente única na França, e foi justamente por isso que a burguesia, vendo o perigo que ele representava, lançou mão da mais implacável perseguição contra ele. Mas o proletariado também sabe ver quem luta pela sua causa. Vem daí o grande movimento de protesto que a Liga Comunista da França conseguiu desencadear contra a expulsão de Trotsky, arrastando nessa luta consideráveis massas proletárias.

Agora, nossos camaradas estão empenhados na propaganda da palavra de ordem de armamento do proletariado e milícia operária, indispensável no combate aos bandos facistas. Como todas as palavras de ordem justas, esta também ha de fazer o seu caminho.

NA ESPANHA

A polícia de Madrid suspendeu por tempo indefinido a publicação de "La Antorcha", órgão da Liga Comunista Espanhola. O primeiro número desse jornal obteve um grande resultado, tendo sido esgotada a edição de 5.000 exemplares, e ficando muitos pedidos que não puderam ser atendidos. Isso explica a perseguição policial. Somente por ter vendido o jornal em Madrid no dia 1.º de Maio, oito camaradas nossos foram presos. Como o jornal continuasse a ser vendido, apesar disso, a polícia começou a arrancá-los violentamente das mãos dos operários. Também nos kiosques o jornal foi apreendido.

Contra a expulsão de Trotsky!

OS OPERARIOS DE TODO O MUNDO SE LEVANTAM CONTRA A PERSEGUIÇÃO AO NOSSO CAMARADA!

RESOLUÇÃO VOTADA EM LILLE

Os trabalhadores reunidos ao apelo da Liga Comunista, do Partido Socialista, do P. U. P., dos combatentes da Paz, agrupamento de ação anticlerical, e da F. U. A., na Sala do Conservatório, em Lille, a 18 de maio, protestaram com toda a energia:

1.º — Contra o governo dito de tregua, saído do motim das forças de repressão social e dos decretos-leis, são só ataques contra os trabalhadores e suas organizações de classe;

2.º — Contra a expulsão dos revolucionários, em particular contra a expulsão de Leon Trotsky, fundador e chefe do exército vermelho, e o camarada Olzanski, militante comunista;

3.º — Contra qualquer restrição ao direito de asilo;

E afirmam:

1.º — A sua vontade de luta contra a burguesia e o seu governo, contra o facismo, pela unidade de ação do proletariado;

2.º — A sua solidariedade re-

Balbontin deixa o P. C. espanhol

José Balbontin, um dos líderes do Partido Comunista da Espanha, acaba de deixar o partido. Na declaração em que expôs as razões de sua saída do partido, atacou violentamente a posição tomada por Staline, declarando que o fascismo já está derrotado na Espanha. Sustentou que a posição de Staline é contrária aos fatos. Sobre a questão da frente única, o camarada Balbontin sustenta o seguinte:

"Parece-me muito claro que os anarquistas e socialistas espanhóis querem lutar contra o perigo fascista, e que nesse momento crítico os comunistas espanhóis devem juntar-se lealmente aos socialistas e anarquistas, numa frente única pela base e pelo vértice, precisamente como o exigem as massas".

O Partido Comunista da Espanha foi contudo categoricamente contrário à frente única. Sustentou a teoria do social-fascismo. Sustentou que os socialistas são social-fascistas — e portanto o maior perigo. Recusou todas as propostas de frente única. Mau grado tudo que Staline possa dizer, o fascismo está longe de ter sido aniquilado na Espanha. Regeitando uma frente única na luta contra o fascismo, o Partido Comunista Espanhol efetivamente ajuda o fascismo.

71

A situação dos Bolcheviques-Lennistas russos

A vitória do fascismo na Alemanha e a morte política da I. C., por ela provocada, tiraram o balanço de toda uma fase histórica: 1923-1933. A teoria do socialismo num só país, produto da decadência da revolução proletária e da vitória da estreiteza pequeno-burguesa nacional na Rússia, — consequente ao isolamento do único Estado proletário e ao cansaço das massas depois do período heroico de 1917-21 — é a expressão mais típica da renúncia à linha da revolução mundial por parte da direção do P. C. e da I. C. A "nova" linha stalinista da I. C. predeterminou a sua ruína com todas as consequências dela decorrentes para o movimento mundial do proletariado. Desde 1923, vem se desenvolvendo na URSS um processo profundo e cada vez maior de desinteresse e de isolamento do movimento operário mundial; a ascensão do estado do espírito revolucionário, da atividade do proletariado russo e o reforçamento de sua ala revolucionária internacionalista (a oposição de esquerda), que a ela se liga, surgindo num período de vaga revolucionária — Alemanha em 1923, China — facilmente se transformava, em consequência aos reflexos e às derrotas, em desilusão, depressão, às vezes mesmo em desespero. Fora das fronteiras russas, o operário soviético só via, nos últimos dez anos, uma cadeia ininterrupta de derrotas. Esmagado pelo aparelho burocrático, ele não via as causas dessas derrotas, não as podia explicar, mas via, sentia os fatos, — e estes o atingiam na frente. Em vez da China soviética, Chang-Kai-Shek. Em vez da revolução proletária na Alemanha, o fascismo. Em vez da Comuna de Viena, a reação. O operário soviético perdeu a fé na revolução no Ocidente, a fé no auxílio do proletariado do Ocidente. "Não", pensa ele, "não tenho a esperar desse lado. Os operários estrangeiros são fracos. Sofrem derrotas e mais derrotas. O fascismo avança por todos os lados". E os operários soviéticos adquirem consciência da vitória do fascismo, não sob o ângulo dos processos que se desenvolvem na Europa ocidental, no movimento operário, e dos erros nefastos da I. C., mas antes de tudo como uma ameaça para a União Soviética. Esta ameaça leva ao reagrupamento em torno do aparelho. Assim, concorrendo pela sua política, para a vitória do fascismo, a burocracia stalinista chega na U. R. S. S. a uma certa consolidação em redor de si, em consequência... de suas derrotas. Que as derrotas do movimento revolucionário europeu reforçariam o centrismo burocrático na URSS, por várias vezes a oposição de esquerda já o dissera.

Provocada pelas derrotas do proletariado mundial, a reação nacional coincidiu, na URSS, com um outro processo, desenvolvido na base de uma certa atenuação da dolorosa crise econômica e alimentar. Lembremos, porém, em poucas palavras, qual era a situação geral da Rússia nos últimos anos. Basta enumerar os fatos mais importantes: um profundo e surdo descontentamento na classe operária, chegando mesmo a assumir formas ativas (grèves e agitação em Ivanovo e em outros lugares); a "pequena" guerra civil no campo, em torno da coletivização, principalmente no norte do Cáucaso; prisões em massa de membros do partido; prisão e deportação de Zinoviev e Kamenev; a declaração que estes fizeram sobre a justiça da oposição de esquerda e sobre a sua capitulação em 1927, como "o maior erro de sua vida". A prisão de quase todos os que abandonaram a oposição de esquerda, isto é, de várias centenas de camaradas, a começar por I. N. Smirnov, Ufimtsev, Mratchkovsky, Grunstein, Perveziev, Preobajensky (dêstes, só Preobajensky abdôcou); os estalos ininterruptos no aparelho; a prisão de Eismont, Tolmatchev, A. Smirnov; a prisão do grupo Nemtchenko-Ginsburg; a prisão de Kajurov, todos estes velhos bolcheviques; a expulsão de Smilga; a prisão e deportação dos direitistas Slepkov, Rutine, etc.; a deportação de Syrtsov, Lominadze, Sten, e outros; as prisões de membros da Juventude comunista, sob acusação de preparação de "atos terroristas", etc.; pôde-se dizer que as idéias da oposição de esquerda

pairavam no ar; era enorme a receptividade destas idéias. A maioria dos chamados stalinistas não só caíra no "liberalismo apodrecido" e sonhava em desfazer-se de Stalin, como também não fazia mais cerimônias para falar, entre eles, da justiça da Oposição de esquerda. Ainda mais, houve camaradas muito responsáveis que deliberaram sobre a necessidade da volta de Trotsky à URSS. Tudo isto acompanhado de uma séria ascensão da oposição de esquerda russa. Ainda em julho-agosto do ano passado, a Pravda desenvolveu uma campanha ininterrupta contra "o trotskismo que de novo levantou a cabeça".

Esses fatos, que se verificaram em 1931-32 e no começo de 1933, refletiram a situação geral da União Soviética nas condições de um impasse econômico, de uma separação total do campesinato, de estrangulamento do Partido, de liquidação da I. C. O "Sinal de Alarme" de Trotsky, dando, em seu tempo, a apreciação desta situação, antes atenuou o perigo — que também hoje estamos muito longe de ter liquidado. Mas a esquerda internacional nunca falou de uma situação sem saída para a União Soviética, e nunca separou a sorte da URSS da do movimento proletário mundial.

Na segunda metade de 1933, sob a influência de uma colheita muito boa e de certos corretivos na política, embora excessivamente insuficientes (diminuição do ritmo de industrialização, atenuação na pressão da agricultura), no sentido indicado pelas propostas da Oposição de esquerda, diminuiu um pouco a gravidade da crise. A alimentação melhorou. O sentimento de desespero deu lugar a uma certa esperança, não porque as coisas melhorassem muito, mas porque, sentindo menos fome, surgiu a esperança — que em 1932 não se alimentava — da possibilidade de uma melhoria. O simples fato de ter não produzido esta esperança; antes, parecia que tudo corria ladeira abaixo para a catástrofe. O desespero no exterior, isto é, para com o movimento operário mundial, combinado com reflexos de esperança em uma melhoria no interior, levou toda uma camada da classe operária e dos membros do Partido — inclusive Rakowski — a uma aproximação com o centrismo burocrático, único fenômeno "positivo" e real diante de seu horizonte. É preciso contar com uma coisa qualquer, e por pior que seja Stalin, não há outra coisa no ativo neste instante — tais são as considerações e os sentimentos dessa gente.

É nestas condições de dificuldades incalçáveis que se encontram os bolcheviques-leninistas russos. As derrotas do movimento operário mundial são as suas próprias derrotas. A perda da fé na Revolução mundial, por parte do proletariado soviético, não pôde reforçar uma corrente — a Oposição de esquerda — que se apoia nesta fé e nesta idéia. A esquerda internacional nunca encanou a questão "russa" em si, mas sempre em ligação inseparável com o movimento comunista mundial. Sem sucessos no Ocidente; sem sucessos da revolução fora da União Soviética, só o centrismo burocrático pôde reforçar-se — provisoriamente — e, em última instância, a contra-revolução bonapartista. Sem uma forte ascensão do movimento proletário no Ocidente, é impossível a reforma do Estado soviético, e impossível também uma nova ascensão da revolução russa. A tarefa da Quarta Internacional relativamente à URSS consiste precisamente nisso que, tornando-se uma poderosa arma do movimento revolucionário no Ocidente, ela será por isso mesmo a arma da restauração do Partido Comunista da União Soviética e da reforma do Estado soviético. Na medida do crescimento e reforçamento da IV Internacional, os bolcheviques-leninistas russos começarão a crescer e a reforçar-se. As condições em que atualmente eles se encontram excluem para eles o papel dirigente que desempenharam, com razão, durante o período de criação da esquerda internacional. Assim como não se pôde construir o socialismo num só país, assim também, em um só país, nas condições de total isolamento do mundo dos vivos, não se pôde levar a efeito uma política internacionalista revolucionária.

No correr dos últimos anos, os opositores russos encontraram-se num isolamento total e absoluto; não só uns dos outros e do meio que os cerca, como também do movimento operário mundial. Forçados à inação, por vários anos de deportação e de prisão, os bolcheviques-leninistas russos mantiveram-se firmes, e se mantêm, na perspectiva da revolução mundial. Nunca eles se propuseram, e pela sua própria essência nunca poderiam propôr-se a tarefa de construir o socialismo em um só país por outros métodos. Sempre se consideraram os representantes do internacionalismo revolucionário, viam nisto a sua razão de ser. A vitória de Hitler, a derrocada austríaca, provocaram não só nas massas soviéticas, como já foi dito, mas também nos melhores elementos dos quadros, uma aguda reação e o sentimento do desespero internacional. A política justa da Oposição de esquerda na questão da revolução alemã reforçou nossos quadros internacionais, e principalmente os nossos quadros alemães, que fizeram eles mesmos a experiência. Mas ela não podia reforçar os quadros russos, isolados de todo o mundo por uma muralha de cimento. Não conhecendo a nossa política, as nossas apreciações, a nossa crítica, as nossas perspectivas, perdendo definitivamente a fé nas possibilidades revolucionárias da I. C., e não tendo nenhuma outra perspectiva — a perspectiva da IV Internacional — Rakowski, num sentimento de desespero, manda o seu telegrama. Está claro que os stalinistas acharam "insuficiente" a declaração de Rakowski. Não há mudança alguma na sua situação pessoal, e assim fazem apenas tentativas brutais de extorsões. O telegrama de Rakowski foi para a G. P. U. o sinal de novas repressões e de uma campanha de "decomposição" de nossos cam...

A guerra, o fascismo e o armamento do proletariado

A guerra tem necessidade da "paz civil". Nas condições atuais, a burguesia só pôde conseguí-la pelo meio do fascismo. Desta maneira, o fascismo tornou-se o fator político mais importante da guerra. A luta contra a guerra supõe a luta contra o fascismo. Todo programa revolucionário de luta contra a guerra ("derrotismo", "transformação da guerra imperialista em guerra civil", etc.) se transforma em frase óca, se a vanguarda proletária se revela incapaz de repelir vitoriosamente o fascismo.

Exigir do Estado burguês o desarmamento dos bandos facistas, como fazem os stalinistas, significa seguir o caminho da social-democracia alemã e do austro-marxismo. Eram precisamente Wels e Otto Bauer que reivindicavam "do Estado que desarmasse os nazis e garantisse assim a paz interna. O governo "democrático" pôde, é verdade, — quando vê nisso uma vantagem — desarmar grupos facistas isolados, mas apenas para poder, com tanta maior ferocidade, desarmar os operários ou impedir-lhes de se armarem. Mas, o Estado burguês dará aos facistas desarmados na véspera a possibilidade de se armarem duplamente e de descarregar as suas armas sobre o proletariado sem armas. Dirigir-se ao Estado, isto é, ao Capital, com a reivindicação do desarmamento dos facistas, significa semear as piores ilusões democráticas, adormecer a vigilância do proletariado, desmoralizar a sua vontade.

Uma política revolucionária justa consiste, partindo do fato constatado do armamento dos bandos facistas, em criar destacamentos operários armados com o objetivo de auto-defesa e em incitar incessantemente os operários a que se armem. É esse o centro de gravidade de toda a situação política atual. Os social-democratas, mesmo os mais de esquerda, isto é, os que estão prontos para repetir os logares comuns sobre a revolução e a ditadura do proletariado, ou evitam cuidadosamente a questão do armamento dos operários, ou de-

clararam claramente que é uma tarefa "química", "aventurista", "romântica", etc. Propõem, em vez do armamento do proletariado, a propaganda entre os soldados que eles não levam a efeito na realidade e que são incapazes de fazer. A referência vazia ao trabalho no exército é necessária aos oportunistas apenas para enterrar a questão do armamento dos operários.

A luta pelo exército forma incontestavelmente parte integrante da luta pelo poder. O trabalho perseverante e cheio de abnegação entre os soldados constitui o dever revolucionário de todo partido autenticamente proletário. Pôde-se realizar esse trabalho com sucesso assegurado se a política geral do partido, sobretudo entre a juventude exército de países com importante força para o sucesso do trabalho no exército de países, com importante população camponesa, é o programa de cada país e em geral o sistema de reivindicações imediatas, atendendo aos interesses fundamentais das massas pequeno-burguesas e lhes abrindo uma perspectiva de salvação.

Seria entretanto pueril pensar-se que se pôde, simplesmente por meio da propaganda, conquistar todo o exército e, com isso, tornar inútil a revolução em geral. O exército é heterogêneo e os seus elementos disparates estão amarrados uns aos outros pelo círculo de ferro da disciplina. A propaganda pôde criar no exército células de espírito simpatizante. Mais do que isso, a propaganda e a agitação não podem realizar. Contar com o exército para defender por iniciativa própria as organizações operárias contra o fascismo equivale a tocar as rudes lições da história com róseas ilusões. A parte decisiva do exército não passará para o lado do proletariado na época da revolução a não ser que o próprio proletariado dê provas, em frente ao exército, de sua disposição real e de sua aptidão a lutar pelo poder até a sua última gota de sangue. Uma tal luta pressupõe necessariamente o armamento do proletariado.

A tarefa da burguesia consiste em impedir que o proletariado conquiste o exército. Esta tarefa o fascismo a realiza, não sem sucesso, por meio de destacamentos armados. A tarefa imediata do proletariado, a tarefa que está na ordem do dia, consiste, não na conquista do poder, mas na defesa de suas organizações contra os bandos facistas, através dos quais se encontra, a uma certa distância, o Estado capitalista. Aquele que sustenta que os operários não têm possibilidade de armar-se proclama com isso que os operários estão sem defesa em frente ao fascismo. Então, é inútil falar em socialismo, em revolução proletária, em luta contra a guerra. Então, é preciso rasgar o programa comunista e riscar uma cruz sobre o marxismo.

Não é o revolucionário, mas sim o pacifista impotente, o capitulador de canchã diante do fascismo e da guerra, o que é capaz de esquivar-se à tarefa do armamento dos operários. A tarefa do armamento em si mesma, como o prova a história, é perfeitamente possível de resolver. Si os operários compreendem realmente que é para eles uma questão de vida ou morte, tratarão de obter armas. Explicar-lhes a situação política sem nada ocultar ou atenuar, afastando toda e qualquer mentira consoladora, é o primeiro dever do partido revolucionário. Como defender-se, com efeito, contra o inimigo mortal, si não se opuserem das facas a cada faca facista, dois revólveres a cada revólver facista?

Si os facistas se armam com carabinas, os operários devem ter as mesmas armas. É esta a única resposta possível.

Onde encontrar as armas? Em primeiro lugar, entre os próprios facistas. O desarmamento dos facistas é uma palavra de ordem vergonhosa quando se dirige à polícia da burguesia. O desarmamento dos facistas é uma palavra de ordem excelente quando se dirige aos operários revolucionários. Mas os arsenais facistas não são a única fonte, o proletariado tem centenas e milhares de canais para o seu armamento. Porque é preciso não esquecer que são precisamente os operários — e só eles — que produzem com as próprias mãos todas as espécies de armas. Basta apenas, todavia, que os partidos pequenos compreendam claramente o que não pôde fugir à tarefa do armamento. O partido revolucionário deve tomar a iniciativa, na questão do armamento, dos destacamentos operários de combate. Mas, para isso, precisa em primeiro lugar expulsar-se de toda sorte de cepticismo, de indecisão e de tapeações pacifistas na questão do armamento dos operários.

A palavra de ordem de milícia operária ou de destacamentos de auto-defesa só tem sentido revolucionário si se tratar da milícia armada, porque de outra forma a milícia se reduzirá a espetáculos, às paradas, e por consequente ao ludíbrio. Está claro que, no começo, o armamento será primitivo. Os primeiros destacamentos operários de auto-defesa não disporão nem de obuzes, nem de tanques, nem de aviões. No entanto, no dia 6 de fevereiro, em Paris, no centro de uma grande potência militarista, bandos facistas armados de revólveres e de laminas de navalhas amarradas em bengalas quasi se apoderaram do Palais Bourbon, (Camara dos deputados) e provocaram a queda do governo. Amanhã, bandos semelhantes podem empastelar as redações dos jornais operários ou as sedes dos sindicatos. A força do proletariado reside no seu número. Mesmo a arma mais primitiva, nas mãos da massa, pôde fazer milagres. Em condições favoráveis, pôde abrir o caminho para um armamento mais perfeccionado.

A palavra de ordem de frente única degenera em frase centrista si não se completar, nas condições atuais, pela propaganda e pela aplicação efetiva de determinados métodos de luta contra o fascismo. A frente única é necessariamente antes de tudo para a criação de comitês locais de defesa. Os comitês de defesa são indispensáveis para a formação e a unificação dos destacamentos da milícia operária. Esses destacamentos devem, desde os primeiros passos, ser empregados na procura de armas. Os destacamentos do auto-defesa são apenas uma etapa no processo de armamento do proletariado. Outras vias a revolução em geral não conhece.

Terceira Conferência Nacional

Acaba de realizar-se a terceira Conferência Nacional da Liga Comunista Internacionalista, que teve por objetivo traçar as novas tarefas e diretrizes da organização, reformar os estatutos, adaptando-os às necessidades de nosso desenvolvimento e escolher a Comissão Central que irá dirigir a Liga até a próxima Conferência Nacional ordinária.

As resoluções principais e teses adotadas deverão ser publicadas no próximo número da **A Luta de Classe**. Os outros documentos serão publicados nos órgãos internos da organização.

As tarefas e medidas essenciais tomadas pela instância suprema da Liga foram sobretudo de caráter organizatório, contrariamente à primeira Conferência que se caracterizou especialmente pela discussão de problemas teóricos e teses programáticas do comunismo. Depois que na Segunda Conferência Nacional extraordinária, de Outubro do ano passado, decidimos abandonar a antiga posição de fração (embora excluída) da I. C. stalinizada, só pouco a pouco e com dificuldades fomos passando realmente às novas posições de partido comunista independente, sob a bandeira da quarta Internacional.

A luta passada de vários anos, na qualidade de "oposição de esquerda" por um tempo, em oposição à "direita" do P. C. stalinizado, conduziu a nossa atividade em limites muito rígidos e estreitos. Dá a necessidade de rever toda a nossa estrutura organizatória, de modo a criar os novos moldes necessários ao desempenho das for-

midáveis tarefas históricas de um verdadeiro partido comunista internacionalista: a restauração do internacionalismo proletário e a implantação da ditadura do proletariado no nosso setor nacional de luta.

Foi a essa reorganização que se dedicou a recente Conferência Nacional. E se ela desincumbiu-se dessa tarefa com eficiência, a nossa atividade futura, nesse ano que se abre, irá dizer melhor do que qualquer prognóstico ou afirmação verbal nossa neste momento.

Estamos firmemente convencidos de que se soubermos executar as resoluções tomadas na Conferência Nacional, a prova dos fatos será favorável a nós: com esse objetivo empenharmos, coletiva e individualmente, toda nossa vontade revolucionária, toda nossa dedicação e capacidade, sem desfalecimentos nem desânimos. O penhor de que esse esforço será recompensado está na justa impecável de nossa linha política, já tantas vezes experimentada e comprovada pelos acontecimentos nacionais e internacionais.

Ficis ao nosso programa e à bandeira da quarta Internacional, a verdadeira Internacional Comunista, herdeira da doutrina de Marx e da linha stalinizada. Discutiram e votaram sobre a importância de todas as tarefas que se apresentam, sob o ponto de vista dos fatos, que são o verdadeiro partido revolucionário da vanguarda do proletariado do Brasil.

Bolcheviques-leninistas, para a frente!

Tese sobre a questão sindical, aprovada na conferência Nacional da L. C. I.

1 — A "lei de sindicalização" foi uma tentativa de ditadura implantada no Brasil em 1930 para criar um grande aparelho burocrático destinado a amarrar o Estado burguês às organizações sindicais. Aproveitando mesmo certas disposições jurídicas do estado corporativista, o decreto que a criou não levou em conta, porém, as condições particulares do Brasil. A lei falhou aos seus objetivos. Uma determinada legislação é sempre efetiva e não causa de um determinado regime social. Sem possibilidades de formar uma burocracia sindical considerável, por intermédio da qual controlasse todo o movimento e a vida das organizações econômicas da classe operária, porque um aparelho dessa ordem não se improvisa, a "lei de sindicalização" deu na prática um resultado inteiramente oposto ao visado pelos seus elaboradores e aplicadores. Num país em que a organização sindical independente era precária, o decreto governamental favoreceu e incrementou a formação de novos sindicatos, que atingiam corporações importantes e numerosas, até então não organizadas.

2 — No Rio de Janeiro e outros pontos do país a tendência para a chamada sindicalização oficial foi muito acentuada. A vanguarda do movimento, dividida e enfraquecida, de um lado, pelo obtuso "apoliticismo" anarquista, e, de outro, pelo aventurismo delirante e criminoso dos stalinistas (ex-Partido Comunista), foi suplantada por aquela tendência, apesar dos esforços em contrário desenvolvidos pelos pequenos núcleos da Liga Comunis-

ta no Brasil. Depois da vitória da ditadura sobre a burguesia paulista, estavam contados, de fato, os dias do movimento sindical livre. Em todo o período governamental de Waldomiro Lima, a Ditadura, em busca de apoio firme em São Paulo, lançou as bases de uma larga diferenciação política, pela sua política demagógica de caráter bonapartista (organização de partidos de "esquerda", pagamento de férias atrasadas aos operários industriais, liberdade relativa de propaganda política, maior desenvolvimento do aparelho do D. E. T., etc.). Em São Paulo, também, onde a sindicalização livre mal ou bem ainda resistia, a força do movimento operário foi então, pouco a pouco, sendo canalizada para dentro dos quadros da lei de sindicalização, isto é, dos quadros de um desenvolvimento reformista.

3 — Diante da nova situação criada, a Liga Comunista tomou nova posição. Até então, a nossa política sindical se desenvolvera em duas linhas de combate: no Rio, houvera desde o início a necessidade de ligação com a base dos sindicatos ministerialistas, ao passo que em São Paulo, a mobilização das massas se fazia na luta pela sindicalização livre, em virtude das condições políticas já apontadas: os sindicatos, mesmo fracos de efetivos, se agrupavam de maneira quase espontânea em torno da palavra de ordem, de revogação da lei de sindicalização. Por seu lado, a burguesia industrial de São Paulo vencida militarmente pela Ditadura, tendo feito a experiência da sindicalização oficial, esperou ganhar,

como correr do tempo, maior acendentes político no governo federal, para iniciar a sua ofensiva contra a política "trabalhista" deste último, que qualificava de "legislação apressada". No seu pleno de 7 de Janeiro do corrente ano, a Liga Comunista resolveu o seguinte:

1. — Sem boicotar a organização dos sindicatos ministerialistas, continuar a pregar o princípio da sindicalização livre e tomar posição pela revogação da Lei de Sindicalização.

2. — Quando, num sindicato ministerialista, se apresentar uma questão concreta, exigindo a reforma, bater-se pela reforma.

Em suma, a política dos bolcheviques-leninistas era aceitar uma situação de fato, isto é, a existência, mesmo em São Paulo, de sindicatos ministerialistas poderosos, agrupando massas consideráveis, e a necessidade do trabalho revolucionário entre eles, onde as greves já explodiam espontaneamente.

4 — Reconhecida em 1933 a sua autonomia governativa (eleições à Constituinte, interventor "civil" e paulista), reagrupamento do sua aliança com Minas e Rio Grande, etc.), a burguesia industrial de São Paulo resolveu desfechar o golpe de morte na sindicalização oficial. Isto se explica pelo caráter contraditório desta, que, na prática, favorece a organização da massa trabalhadora, dando-lhe novas armas de agitação ("leis sociais") e mesmo uma nova tribuna com a representação de classe na Constituinte. A burguesia paulista que se batia pela "liberdade" sindical, teve que admitir também, ao seu lado, o princípio da autonomia, introduzidos na Constituinte de 1934 como princípios básicos da organização sindical. Mas aqui, só na aparência continuava fiel às melhores tradições da democracia burguesa. Instituído o regime da "pluralidade sindical" ela conseguiu forjar uma arma perigosa contra a existência dos sindicatos surgidos sob o signo da "lei de sindicalização". O texto constitucional admite o reconhecimento de mais de um sindicato da mesma corporação, isto é, consagra a capa da liberdade sindical nas fileiras

do movimento sindical. Entretanto, a existência de mais de um sindicato da mesma corporação não como princípio, mas como recurso necessário de ligação com as massas, que para ela se orientavam, e para garantir e reforçar os sindicatos livres, cuja existência periclitava, a Liga Comunista não tem, hoje senão a tarefa de desdobrar o seu trabalho no mesmo sentido. Antes, quando a legislação oficial consagrava os direitos de um único sindicato numa determinada corporação, a nossa agitação devia ser pela unidade sindical revolucionária, isto é, por cima da lei, independente do controle oficial. Hoje, diante da "pluralidade", para responder aos maneios divisionistas da burguesia, a vanguarda revolucionária deve dirigir a luta pela unidade, com a formação de fortes organismos federativos locais que possam ser base de uma única, C. G. T. E isto, também, a-pesar da lei, e contra a lei.

6 — A política sindical da L. C. deve ser o resultado de uma firme posição de princípios — a conquista da massa para a revolução proletária. A conquista da massa para a revolução proletária depende da existência de uma vanguarda corajosa e habil, que saiba conciliar os métodos legais e ilegais de luta, e isso precisamente para acerrar-se de massa, dirigi-la na agitação pelas reivindicações imediatas, mas sempre tendo em vista os objetivos finais da revolução. Dadas as condições atuais de ilegalidade do movimento comunista no Brasil, a conquista das massas para a revolução deve ser feita, principalmente, através dos sindicatos existentes, e incrementando a sua organização. O problema sindical se torna, assim, o problema central de um partido revolucionário no Brasil. A vanguarda comunista só será digna desse nome se souber enfrentar com senso realista essa situação e mostrar que sabe trabalhar e tirar vantagens da sua atividade nos sindicatos.

7 — (Seguem-se as tarefas práticas imediatas).

Onde está a frente única "pela base?"

Finalmente, depois de vários ensaios, chegou no dia 24 de junho o dia dos integralistas desfilarem em São Paulo. Das primeiras vezes em que os bandos de Plínio Salgado ameaçaram ir à rua, a Frente Única Antifacista conceitou o proletariado de São Paulo a cerrar fileiras na luta contra essa ameaça, e os integralistas se acovardaram diante das manifestações por ela organizadas. Porisso ainda não tinham desfilado. Mas há em certos meios uma tendência predominante para subestimar o perigo facista, e, não vendo as ruas infestadas pelas hordas integralistas, muitos dizem que o perigo facista era imaginário, que Plínio Salgado não tinha gente para levar à rua. Houve organizações que desertaram da Frente Única ou dela se desinteressaram, por achá-la desnecessária. Era preciso que os integralistas desfilassem, que os fatos viessem abrir os olhos dos que são incapazes de prever.

Desta vez, a Frente Única não chamou o proletariado à rua para impedir o desfile. Quem o fez foi o partido stalinista, que, depois de desertar da Frente Única chamando-a de frente única "de tapiação", que não lutava contra o facismo, dizendo que só o Partido Comunista era capaz de conduzir essa luta e acompanhando essa pomposa declaração de toda sorte de chingãos aos "policiais contrarrevolucionários" que faziam parte da Frente Única, resolveu mostrar que do fato era capaz de conduzir essa luta e lançou um manifesto convidando, não só as massas proletárias, como também as organizações que na véspera classificara de policiais e contra-revolucionárias, para saírem à rua contra os integralistas.

O resultado disso logo se viu. Não só as massas proletárias ficaram surdas ao apelo dos stalinistas, como nem mesmo o pequeno grupo de seus partidários e simpatizantes pequenos-burgueses "soviéticos" atendeu à palavra de ordem lançada pelo seu partido. Os integralistas desfilaram sem um só incidente, sem ter ao menos um pequeno grupo para procurar vaiá-los ou sabotar o comício interrompendo os oradores. Onde estão as massas que seguem o Partido Comunista brasileiro? Onde está a sua tão decantada eficiência no combate ao facismo? Onde está a sua frente única "pela base"? Onde estão, pelo menos, os seus quadros de elementos disciplinados e capazes de servir de brigada de choque na luta contra umas centenas de almofadinhas que acham bonito passar pelas ruas com uma camisa verde ou de desordeiros profissionais pagos pelos grandes industriais que sustentam o integralismo?

Que esse desfile sirva de lição para todos os que queiram realmente lutar contra o facismo meditar e tirarem dela as conclusões necessárias.

O facismo brasileiro ainda está nos seus comêços, mas justamente porisso é que é preciso empregar agora toda a energia na luta contra ele — cortar o mal pela raiz. Também na Alemanha, também na Itália eles começaram fracos. E só uma frente única das organizações proletárias será capaz de levar avante essa luta.

O 30 de junho na Alemanha

Os acontecimentos verificados na Alemanha a partir de 30 de junho resultaram, antes de mais nada, na mais completa desmoralização do facismo perante as massas de todo o mundo. O incrível cinismo com que Hitler comunica ao mundo, confirmando as denúncias já há muito feitas pelos anti-facistas, que os seus auxiliares mais próximos são uns tarados, uns degenerados carregados dos piores vícios, que os chefes das suas seções de assalto vivem a esbanjar em farras de dinheiro que roubaram aos judeus e aos "marxistas", desconcertou os mais fanáticos dos seus adeptos, deixou sem argumento para defendê-lo o mais habil e interessado de seus propagandistas.

Também, a indignação das massas não tardou a se fazer sentir. Em todo o mundo, os defensores do facismo passaram por uns maus momentos e até no nosso setor de luta vimos a população espontaneamente insurgir-se contra as bandeiras com a cruz gamada hasteadas em São Paulo e em Santos, enfrentando com firmeza a polícia na luta para arrancá-las. Os tiros que a polícia disparou em frente à Casa Alemã, embora visassem afastar a multidão e defender assim as bandeiras, produziram efeitos contrários, pois só lograram fazer desaparecer os "almofadinhas" "integralistas" que se tinham disposto patrioticamente a defender o glorioso pavilhão hitleriano...

Nesse mesmo dia, vimos um filme de propaganda nazista vaiado num cinema de São Paulo, o que resultou na sua retirada do cartaz no dia seguinte.

Em seguida, os acontecimentos na Alemanha vieram patentear a falência completa da teoria stalinista sobre o facismo. "O facismo prepara o caminho para a revolução", dizem eles. "Logo depois de tomar o poder ele se desmoraliza, e então chega o momento de nossa vitória". Se fosse verdadeira essa teoria, era chegada a hora de lançar a palavra de ordem de tomada do poder pelo P. C. na Alemanha, e acreditamos mesmo que qualquer stalinista convicto e consequente deva estar esperando de um momento para outro a vitória da revolução na Alemanha.

Entretanto, o que se viu foi, ao contrário, que nem mesmo no momento de tão extrema dificuldade para o governo facista, despedaçado pelas suas próprias contradições internas, completamente desmoralizado perante as massas que até ontem o seguiam, o proletariado alemão deu a menor manifestação de sua existência como classe. Isto vem provar flagrantemente que a principal tarefa do facismo — a destruição do proletariado como classe organizada — já foi feita pelos bandos de Hitler. Dos milhares de operários que seguiam as organizações comunistas e social-democratas na Alemanha, que resta hoje? Pode-se dizer que nada. A organização do proletariado alemão está agora de novo em comêço, quasi embrionária. Os velhos partidos ficaram desmoralizados pela capitulação diante de Hitler. Só um novo partido, que se baseie nos princípios bolcheviques-leninistas, poderá levar à frente a gigantesca tarefa de reorganizar o proletariado alemão nas condições atuais. Os comunistas internacionalistas estão empenhados nessa tarefa, mas é com as maiores dificuldades que a vão realizando, e ainda não são fortes bastante para levar à rua o proletariado alemão.

Para nós, bolcheviques-leninistas, estes acontecimentos se apresentam como a consequência natural da situação econômica da Alemanha. Trotski já teve ocasião de dizer que seria absurdo pensar-se que o facismo assumiria na Alemanha as mesmas formas que tomou na Itália.